

## O Evangelho de João como matriz pedagógica da pluralidade humana: um diálogo com a Teoria dos Temperamentos de David Keirsey

Alexandre Medeiros<sup>1</sup>

Marilena Rosalen<sup>2</sup>

**Resumo:** A presente pesquisa analisa o Evangelho de João como matriz pedagógica da pluralidade humana em diálogo com a Teoria dos Temperamentos de David Keirsey. Fundamentada na tríade hermenêutica de Rui Josgrilberg — vida antes do texto, vida do texto e texto na vida — investiga marcas literárias, espirituais e antropológicas do corpus joanino compatíveis com o temperamento Idealista (NF) e com traços do perfil INFP. Conclui apontando que a preservação dos quatro Evangelhos pode ser compreendida como reconhecimento das múltiplas formas humanas de perceber, interpretar e experienciar o mundo, oferecendo contribuições para reflexões educacionais sobre pluralidade subjetiva, formação integral e humanização das relações pedagógicas.

**Palavras-chave:** Evangelho de João; David Keirsey; Teoria dos Temperamentos; Pluralidade Humana; Educação; Formação Integral.

**Abstract:** This study analyzes the Gospel of John as a pedagogical framework for human plurality in dialogue with David Keirsey's Temperament Theory. Grounded in Rui Josgrilberg's hermeneutical triad — life before the text, life of the text, and text in life —, it investigates literary, spiritual, and anthropological features of the Johannine corpus that align with the Idealist (NF) temperament and traits associated with the INFP personality profile. The study concludes indicating that the preservation of the four Gospels can be understood as an acknowledgement recognition of multiple human ways of perceiving, interpreting, and experiencing reality, offering valuable contributions to educational reflections on subjective plurality, integral formation, and the humanization of pedagogical relationships.

**Keywords:** Gospel of John; David Keirsey; Temperament Theory; Human Plurality; Education; Integral Formation.

---

<sup>1</sup> Pós – Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP; Diretor Acadêmico do Júlio Verne Centro de Estudos – [www.julioverne.com.br](http://www.julioverne.com.br)

<sup>2</sup> Pós – Doutora em Educação pela University of Rochester – NY/USA. Professora do Programa de Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática - UNIFESP. Coordenadora do Observatório de Educação e Sustentabilidade (OBES) – UNIFESP – Diadema/SP. Coordenadora de projetos de pesquisa e de extensão em formação e prática de professores. Coordenadora do Grupo de Pesquisa da Comunidade Movimentos Docentes - <https://www.movimentosdocentes.com/>

## **Introdução**

A pluralidade humana constitui um dos grandes desafios da educação contemporânea. Em um contexto marcado pela padronização dos processos de ensino, pela homogeneização das formas de aprendizagem e pela crescente complexidade das experiências subjetivas, torna-se necessário ampliar os referenciais teóricos capazes de compreender as diferentes maneiras pelas quais os seres humanos percebem, interpretam e experienciam o mundo (MEDEIROS, 2022).

Nesse horizonte, a presente investigação propõe um diálogo interdisciplinar entre Educação, Psicologia e Religião, tomando os Evangelhos como narrativas capazes de iluminar a diversidade da experiência humana. Parte-se da compreensão de que os textos evangélicos não constituem apenas documentos fundadores da tradição cristã, mas também expressões antropológicas que revelam diferentes formas de compreender uma mesma experiência fundante: a pessoa e a mensagem de Jesus de Nazaré.

A hipótese central deste estudo sustenta que a preservação dos quatro Evangelhos no cânon cristão pode ser interpretada como reconhecimento simbólico da pluralidade humana (STAROSKY, 2020). Mateus, Marcos, Lucas e João apresentam perspectivas narrativas distintas que acolhem diferentes sensibilidades, linguagens e modos de atribuição de significado à realidade. Essa diversidade permite estabelecer aproximações hermenêuticas com a Teoria dos Temperamentos de David Keirsey, especialmente com sua formulação dos quatro grandes temperamentos humanos: Guardiã (SJ), Artesão (SP), Racional (NT) e Idealista (NF) (KEIRSEY, 1984, p. 13; KEIRSEY, 1998, p. 26).

A pesquisa fundamenta-se metodologicamente na tríade hermenêutica proposta por Rui Josgrilberg (2017) — vida antes do texto, vida do texto e texto na vida — articulada aos estudos de David Keirsey (1984; 1998), Jean Lauand (2018; 2019), João Sérgio Lauand (2022) e Enio Starosky (2020). Trata-se de uma investigação de caráter hermenêutico-interpretativo que não pretende estabelecer diagnósticos psicológicos dos autores bíblicos, mas identificar aproximações simbólicas entre determinadas características narrativas presentes nos Evangelhos e os padrões temperamentais descritos por Keirsey.

A presente investigação integra pesquisas mais amplas relacionadas à *Filosofia de Ensino Humanista e Humanitária* (MEDEIROS, 2025). Neste primeiro artigo da série, a análise concentra-se no Evangelho de João, nas Cartas Joanas e no Apocalipse. Busca-se identificar elementos literários, espirituais, relacionais e antropológicos compatíveis com o temperamento Idealista (NF) e com traços associados ao perfil INFP (LAUAND; STAROSKY; HORTA, 2018). A linguagem simbólica, a centralidade do amor, da comunhão, da interioridade, da permanência e da esperança constituem aspectos particularmente relevantes para essa aproximação.

Ao final, argumenta-se que a leitura dos Evangelhos à luz da Teoria dos Temperamentos oferece contribuições para reflexões educacionais sobre pluralidade subjetiva, formação integral e humanização das relações pedagógicas. Nessa perspectiva, os Evangelhos podem ser compreendidos não apenas como textos religiosos, mas também como narrativas capazes de ampliar a compreensão das múltiplas formas humanas de aprender, interpretar, relacionar-se e construir sentido para a existência.

Esta investigação não pretende estabelecer diagnósticos psicológicos dos autores bíblicos nem demonstrar historicamente a personalidade dos evangelistas. Trata-se de uma aproximação hermenêutica que utiliza a Teoria dos Temperamentos como instrumento interpretativo para identificar possíveis convergências simbólicas entre determinadas características narrativas presentes nos textos evangélicos e os padrões temperamentais descritos por David Keirsey. Nesse sentido, a pesquisa insere-se no campo da Educação ao buscar compreender como diferentes formas de perceber, interpretar e experienciar a realidade podem contribuir para reflexões sobre formação integral, diversidade humana e humanização das relações pedagógicas.

### **A vida antes do texto**

A presente investigação parte da Teoria dos Temperamentos desenvolvida pelo psicólogo norte-americano David Keirsey (1921–2013), um dos mais importantes estudiosos

contemporâneos da personalidade humana. Sua contribuição intelectual resultou de décadas de pesquisa dedicadas à compreensão das diferenças individuais e à valorização da pluralidade das formas humanas de perceber, interpretar e experienciar o mundo.

As origens de sua teoria remontam à década de 1940, durante sua atuação como piloto de caça da Marinha dos Estados Unidos no Pacífico durante a Segunda Guerra Mundial. Conforme relata a biografia oficial de Keirsey, o único livro que o acompanhou durante todo o período de guerra foi um livro de Psicologia, experiência que despertou seu interesse permanente pelo estudo da personalidade humana (KEIRSEY FOUNDATION, 2026).

Após a guerra, Keirsey ingressou no *Pomona College* e posteriormente na *Claremont Graduate School*, onde aprofundou estudos em Psicologia, Filosofia e Ciências Humanas. Durante suas pesquisas, identificou a recorrência histórica de quatro grandes padrões de comportamento humano presentes desde a Antiguidade clássica, especialmente nos escritos de Hipócrates, Platão e Aristóteles (KEIRSEY FOUNDATION, 2026).

Na década de 1950, passou a atuar como psicólogo educacional, desenvolvendo métodos de orientação, treinamento e aconselhamento voltados à compreensão das diferenças humanas. Durante mais de duas décadas trabalhou diretamente com educadores e psicólogos, refinando sua compreensão acerca dos quatro temperamentos e suas aplicações nos campos da educação, do aconselhamento e do desenvolvimento humano (KEIRSEY FOUNDATION, 2026).

No início da década de 1970, introduziu sua teoria como currículo acadêmico na *California State University (Fullerton)*, instituição na qual atuou como professor e posteriormente como diretor do Departamento de Aconselhamento por aproximadamente dez anos. Foi nesse período que publicou sua obra mais conhecida, *Please Understand Me* (1978), apresentando ao público o *Keirsey Temperament Sorter* (KTS), instrumento destinado à identificação dos diferentes perfis temperamentais (KEIRSEY FOUNDATION, 2026).

A formulação de Keirsey dialoga diretamente com a tradição inaugurada por Carl Gustav Jung em *Tipos Psicológicos* (JUNG, 1991), posteriormente desenvolvida por Isabel Myers e Katharine Briggs por meio do Myers-Briggs Type Indicator (MBTI). Keirsey conheceu os trabalhos de Myers e Briggs na década de 1950, utilizando-os como ponto de partida para construir uma teoria própria, mais centrada nos temperamentos do que nos tipos psicológicos (LAUAND, J.S., 2022).

Sua principal contribuição consistiu em reorganizar os dezesseis tipos psicológicos em quatro grandes famílias temperamentais: Artesãos (SP), Guardiões (SJ), Idealistas (NF) e Racionais (NT) (KEIRSEY, 1984, p. 13; KEIRSEY, 1998, p. 26). Para Keirsey, os tipos psicológicos representam refinamentos internos dos temperamentos, sendo estes últimos as estruturas fundamentais da personalidade humana (KEIRSEY, 1984, p. 13).

Mais do que um instrumento de classificação, a teoria de David Keirsey constitui uma defesa da pluralidade humana. Em suas palavras: “Por favor, não queira fazer de mim uma cópia sua; não diga que sou errado apenas por não querer aquilo que você quer” (KEIRSEY, 1984, p. 1). As diferenças individuais não são compreendidas como falhas a serem corrigidas, mas como expressões legítimas da diversidade da experiência humana.

Essa compreensão possui importantes implicações para a Educação. Ao reconhecer que os indivíduos aprendem, comunicam-se, relacionam-se e atribuem significado à realidade de maneiras distintas, a Teoria dos Temperamentos oferece contribuições relevantes para reflexões sobre formação integral, diversidade humana e humanização das relações pedagógicas.

Uma das contribuições mais significativas de Keirsey consiste precisamente em deslocar o olhar das deficiências para as potencialidades presentes nas diferentes formas de ser humano (LAUAND, J.S., 2022, p. 7).

É a partir desse horizonte interpretativo que se desenvolve a presente investigação. Compreender as diferenças humanas como riqueza antropológica e não como problema a ser corrigido constitui o ponto de partida para a análise do corpus joanino. Assim,

antes de perguntar o que os textos dizem, torna-se necessário reconhecer o referencial teórico que orienta essa leitura: a convicção de que a diversidade humana pode constituir uma chave fecunda para a interpretação das experiências religiosas, culturais e educacionais.

### **A vida do texto**

Se a vida antes do texto permitiu compreender os fundamentos da Teoria dos Temperamentos e o percurso intelectual de David Keirsey, a vida do texto exige voltar o olhar para o próprio corpus joanino. A questão central passa a ser aquilo que os textos efetivamente revelam acerca da experiência humana, de seus valores, de sua linguagem e de sua compreensão da realidade.

A análise aqui desenvolvida concentra-se no Evangelho de João, nas Cartas Joaninas e no Apocalipse<sup>3</sup>, buscando identificar elementos literários, antropológicos e espirituais que dialoguem com as características atribuídas por Keirsey ao temperamento Idealista (NF) (KEIRSEY, 1984, p. 60-65; KEIRSEY, 1998, p. 129-148).

Trata-se de uma aproximação hermenêutica, orientada pela compreensão de que os textos preservam determinadas sensibilidades humanas que podem ser interpretadas à luz da Teoria dos Temperamentos, sem que isso implique qualquer tentativa de diagnóstico psicológico dos autores bíblicos.

Uma das características mais frequentemente associadas aos Idealistas é a busca de significado. Segundo Keirsey, os indivíduos pertencentes a esse temperamento tendem a orientar sua atenção para questões relacionadas ao sentido da existência, à identidade, à autenticidade e aos relacionamentos humanos (KEIRSEY, 1984, p. 60-65; KEIRSEY, 1998, p. 129-130). É precisamente nesse horizonte que a tradição joanina se apresenta ao leitor.

Diferentemente de Mateus, que inicia sua narrativa por meio da genealogia de Jesus; de Marcos, que enfatiza a ação e o anúncio de João Batista; e de Lucas, que organiza

---

<sup>3</sup>Utiliza-se, neste artigo, a *Bíblia Referência Thompson* — João Ferreira de Almeida. São Paulo: Editora Vida, 2005

sua obra a partir de uma investigação histórica, João abre seu Evangelho em uma dimensão marcadamente simbólica:

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”  
(Jo 1,1).

O prólogo joanino não procura apenas informar acontecimentos. Seu objetivo é interpretar o significado da pessoa de Jesus. Por isso afirma:

“Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens” (Jo 1,4).

e ainda:

“E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14).

Verbo, vida, luz, verdade e encarnação constituem categorias que ultrapassam a simples descrição factual e introduzem o leitor em uma reflexão sobre o significado último da existência. Nesse sentido, desde suas primeiras linhas, o Evangelho de João manifesta uma preocupação com dimensões simbólicas e existenciais que ocupam lugar central na descrição do temperamento Idealista proposta por Keirse (1998, p. 146-148).

Um segundo elemento que aproxima o Evangelho de João da sensibilidade Idealista (NF) encontra-se em sua linguagem simbólica. Keirse observa que os Idealistas tendem a utilizar linguagem metafórica, interpretativa, indutiva e frequentemente poética (KEIRSEY, 1998, p. 148 e 195). Em vez de comunicar apenas informações objetivas, procuram transmitir significados por meio de símbolos, imagens e narrativas.

Essa característica permeia todo o Evangelho de João. Jesus é apresentado como:

- a Luz do mundo (Jo 8,12);
- o Pão da Vida (Jo 6,35);
- a Porta (Jo 10,9);
- o Bom Pastor (Jo 10,11);
- a Ressurreição e a Vida (Jo 11,25);

- o Caminho, a Verdade e a Vida (Jo 14,6);
- a Videira Verdadeira (Jo 15,1).

Essas imagens não funcionam apenas como figuras retóricas. Elas constituem uma verdadeira linguagem simbólica da existência humana. O Cristo joanino é constantemente apresentado por meio de metáforas que convidam o leitor à contemplação e à interpretação, características frequentemente associadas à comunicação idealista descrita por Keirse (1984, p. 91; 1998, p. 195).

Entre todos os elementos presentes no corpus joanino, talvez nenhum seja mais significativo para a hipótese aqui desenvolvida do que a centralidade do amor. Keirse afirma que os Idealistas possuem forte orientação relacional, valorizando empatia, harmonia, intimidade e desenvolvimento humano (KEIRSEY, 1998, p. 142; 146-148).

No Evangelho de João, a experiência religiosa é constantemente mediada pela linguagem do amor:

“Amai-vos uns aos outros; assim como eu vos amei” (Jo 13,34).

“Permaneçei no meu amor” (Jo 15,9).

Nas Cartas Joaninas, essa ênfase torna-se ainda mais explícita:

“Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus” (1Jo 4,7).

“Deus é amor” (1Jo 4,8).

Não se trata apenas de uma recomendação ética. O amor torna-se critério de verdade, autenticidade e pertencimento. A espiritualidade joanina é profundamente relacional. A fé manifesta-se na comunhão, no cuidado e na permanência mútua. Observamos que essa valorização da experiência afetiva e da comunhão aproxima-se fortemente daquilo que Keirse (1984; 1998) identifica como traço característico do Idealista (NF).

A figura do Discípulo Amado ocupa lugar singular no Evangelho de João. Ele aparece reclinado ao lado de Jesus na última ceia (Jo 13,23), permanece junto à cruz quando outros discípulos se afastam (Jo 19,26-27) e surge como testemunha privilegiada da ressurreição (Jo 20,2-8). A tradição joanina apresenta uma liderança marcada não pela autoridade institucional, mas pela proximidade, pela amizade e pela capacidade de gerar comunhão (LAUAND, 2018, p. 84-87; 93-94).

Essa figura aproxima-se da descrição que Keirsey faz do INFP: alguém reservado, idealista, profundamente comprometido com seus valores, leal às pessoas que ama e disposto a sacrificar-se por aquilo que considera verdadeiro (KEIRSEY, 1984, p. 176-177; KEIRSEY, 1998, p. 157-160).

Novamente, não se trata apenas de afirmar que João era INFP (STAROSKY, 2020, p. 293) em sentido psicológico moderno, mas de reconhecer que a persona literária construída pelo texto apresenta traços compatíveis com essa descrição.

A hipótese torna-se ainda mais consistente quando o Evangelho é colocado em diálogo com o Apocalipse. O último livro do Novo Testamento apresenta uma das linguagens mais simbólicas de toda a tradição cristã. Animais, números, cidades, cores, visões, cânticos e imagens cósmicas constituem uma narrativa que procura interpretar o sofrimento histórico à luz da esperança escatológica.

Keirsey associa os Idealistas à imaginação simbólica, à visão de futuro e à capacidade de enxergar possibilidades para além da realidade imediata (KEIRSEY, 1998, p. 195; p. 230).

O Apocalipse compartilha precisamente essa característica. Mesmo em meio à perseguição e ao sofrimento, sua mensagem central permanece orientada pela esperança:

“Eis que faço novas todas as coisas” (Ap 21,5).

A restauração final da criação, a Nova Jerusalém e a superação definitiva da dor constituem expressões de uma imaginação espiritual profundamente orientada para o significado e para a transformação da realidade.

A leitura conjunta do Evangelho de João, das Cartas Joanas e do Apocalipse permite identificar um conjunto coerente de características: linguagem simbólica, busca de significado, centralidade do amor, valorização dos relacionamentos, interioridade, esperança, autenticidade, comunhão e transcendência.

...a linguagem é total e explicitamente simbólica e enigmática o que, a nosso ver, retrata ainda melhor o “jeito de ser” do autor. E, à luz das três epístolas e do Apocalipse de João, arriscamos dizer que, na literatura joanina, a linguagem simbólica/metafórica é sua marca registrada, o espaço em que realmente se encontra à vontade (LAUAND; STAROSKY; HORTA, 2018, p. 149).

Esses elementos não permitem estabelecer qualquer diagnóstico psicológico do autor. Entretanto, oferecem indícios hermenêuticos significativos para aproximar o corpus joanino da descrição do temperamento Idealista (NF) proposta por David Keirsey e da sensibilidade associada ao perfil INFP (STAROSKY, 2020; LAUAND, 2019).

Nesse sentido, o corpus joanino não se apresenta apenas como conjunto de textos religiosos, mas como expressão de uma forma particular de compreender a experiência humana. A preservação de sua voz ao lado das vozes de Mateus, Marcos e Lucas pode ser interpretada como reconhecimento da pluralidade humana diante de uma mesma experiência fundante (STAROSKY, 2020, p. 273-275). É precisamente essa pluralidade que permite compreender os Evangelhos como possíveis matrizes pedagógicas da diversidade humana, hipótese que orienta toda a presente investigação.

## **O texto na vida**

Se a vida antes do texto permitiu compreender os fundamentos da Teoria dos Temperamentos de David Keirse e a vida do texto evidenciou características do corpus joanino compatíveis com a sensibilidade Idealista (NF), o momento do texto na vida exige uma nova pergunta: quais contribuições essa leitura pode oferecer à educação contemporânea?

Segundo Rui Josgrilberg (2017), a interpretação de textos religiosos não se encerra na reconstrução de seu contexto histórico nem na análise de suas estruturas internas. Os textos continuam produzindo sentidos, dialogando com novas experiências humanas e oferecendo horizontes de compreensão para problemas que ultrapassam seu contexto original. É nesse movimento que o Evangelho de João deixa de ser apenas objeto de investigação bíblica para tornar-se interlocutor de reflexões educacionais contemporâneas.

A primeira contribuição do corpus joanino não consiste propriamente em apresentar métodos de ensino ou técnicas pedagógicas. Sua contribuição é anterior e mais profunda: trata-se de uma determinada compreensão da pessoa humana. Ao longo do Evangelho, das Cartas Joanas e do Apocalipse, emerge uma visão de ser humano marcada pela busca de significado, pela centralidade das relações, pela construção da esperança e pela valorização da experiência interior.

Essa perspectiva dialoga diretamente com a crítica formulada por David Keirse às tentativas de reduzir a diversidade humana a modelos únicos de comportamento, inteligência ou aprendizagem. Como afirma o autor:

Por favor, não queira fazer de mim uma cópia sua; não diga que sou errado apenas por não querer aquilo que você quer (KEIRSEY, 1984, p. 1).

Ao reconhecer que os seres humanos percebem, aprendem, comunicam-se e constroem sentido de maneiras distintas, a Teoria dos Temperamentos oferece uma importante chave de leitura para os desafios educacionais contemporâneos. Nesse aspecto, a

tradição joanina e a reflexão de Keirsey convergem ao afirmar que a diversidade não constitui uma deficiência a ser corrigida, mas uma riqueza constitutiva da experiência humana.

Essa compreensão encontra ressonância na reflexão contemporânea de António Nóvoa, para quem a educação realiza-se fundamentalmente na relação com a alteridade: “A educação [...] se faz no encontro com os outros que são diferentes de nós” (NÓVOA, 2023, p. 13). Nesse horizonte, a diversidade humana deixa de ser um desafio periférico para tornar-se elemento constitutivo do próprio ato educativo.

Sob essa perspectiva, uma das principais contribuições educacionais do Evangelho de João consiste em recordar que a finalidade da formação humana não pode ser reduzida ao desempenho, à produtividade<sup>4</sup> ou à simples aquisição de informações. A preocupação central do texto joanino dirige-se à vida em sua plenitude:

“Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

Da mesma forma, ao explicitar a finalidade de sua própria narrativa, o evangelista afirma:

“Estes sinais foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo [...] e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (Jo 20,31).

A categoria fundamental que organiza a tradição joanina não é o acúmulo de conhecimentos, mas a construção de sentido para a existência. É precisamente nesse ponto que sua contribuição para a educação revela toda a sua atualidade.

Essa compreensão aproxima-se diretamente de Paulo Freire, para quem a educação deve constituir uma prática de liberdade e um processo permanente de humanização. Para ele, a educação desumanizante transforma pessoas em objetos; a educação humanizadora permite que os sujeitos se reconheçam como protagonistas de sua própria história (FREIRE, 2009; 2017).

---

<sup>4</sup>Formação que transforma o mundo numa fábrica e as pessoas em molas automáticas (MARX, 2008, p. 128-129).

A aproximação entre João e Freire torna-se ainda mais significativa quando observamos que a liberdade ocupa lugar central em ambos os horizontes de compreensão. No Evangelho de João, Jesus afirma: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8,32). A verdade, nesse contexto, não se reduz à aquisição de informações, mas refere-se a uma experiência de transformação da existência. De modo semelhante, Paulo Freire compreende a educação como prática de liberdade, capaz de favorecer processos de conscientização, autonomia e humanização (FREIRE, 2009; 2017). Em ambos os casos, conhecer não significa acumular conteúdos, mas tornar-se mais plenamente humano.

A terceira contribuição pedagógica emerge da linguagem simbólica presente no Evangelho de João. Ao apresentar Jesus como “Pão da Vida” (Jo 6,35), “Luz do Mundo” (Jo 8,12), “Bom Pastor” (Jo 10,11), “Caminho, Verdade e Vida” (Jo 14,6) e “Videira Verdadeira” (Jo 15,1), João demonstra que a aprendizagem humana não ocorre apenas por conceitos abstratos, mas também por símbolos, narrativas, imagens e experiências carregadas de significado.

Rubem Alves (2012, p. 65-66) criticava duramente uma educação que reduzisse o estudante a mero receptor de informações. Para ele, ensinar é despertar encantamento, imaginação, sensibilidade e desejo de compreender o mundo. Nesse aspecto, a pedagogia joanina recorda que os seres humanos aprendem não apenas pela razão instrumental, mas também pela beleza, pela contemplação, pela narrativa e pela experiência simbólica da existência.

Uma quarta contribuição emerge da centralidade das relações humanas. Em João, a aprendizagem da fé acontece na convivência, na amizade e no amor.

Jesus ensina:

“Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 13,34).

E acrescenta:

“Já não vos chamo servos [...], mas amigos” (Jo 15,15).

A Primeira Carta de João reforça essa compreensão:

“Amados, amemo-nos uns aos outros” (1Jo 4,7).

A pedagogia joanina é essencialmente relacional. O conhecimento não aparece separado do cuidado, da amizade e da comunhão. Para Paulo Freire (2009), a verdade somente se torna autêntica quando produz relações humanizadoras.

*La educación es un acto de amor, por tanto, un acto de valor* (FREIRE, 2009, p. 91).

Essa perspectiva oferece importantes contribuições para a construção de uma cultura de paz nas instituições educativas. Em tempos marcados pela violência simbólica, pelo individualismo e pela fragmentação das relações humanas, João recorda que educar significa também ensinar a conviver, dialogar, respeitar e cuidar.

É nesse sentido que, [...] estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros. Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem tratar sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar, não é possível (FREIRE, 2009, p. 57).

Nessa mesma direção, António Nóvoa afirma que “a escola futura será feita de cooperação, [...] precisamos ocupar o mundo com humanidade e solidariedade [...] Deve ser esse o princípio de base de uma educação contemporânea. É da educação, e da educação humana que se trata” (NÓVOA, 2023, p. 7). A pedagogia joanina do amor, da amizade e do cuidado encontra, assim, uma significativa convergência com os desafios educacionais do século XXI.

Não por acaso, o gesto pedagógico mais emblemático do Evangelho de João é o lava-pés (Jo 13,1-17). O Mestre coloca-se na posição de servo. A autoridade manifesta-se como serviço e empatia.

O lugar da compaixão não é o lugar do conhecimento. É no coração. É do coração que a ética surge, como determinação viva do corpo (ALVES, 2013, p. 33).

Pedagogicamente, trata-se de uma profunda inversão de paradigma. O educador deixa de ser apenas aquele que transmite conteúdos e passa a ser também aquele que acompanha, escuta, acolhe e serve ao processo de crescimento do outro (ALVES, 2013).

Essa perspectiva aproxima-se diretamente da concepção freireana de educação dialógica (FREIRE, 2017, p. 95-96) e da compreensão de que a educação não pode ser triste, autoritária ou carrancuda, mas deve favorecer o florescimento da pessoa humana (LAUAND, 2011, p. 19).

O Apocalipse acrescenta ainda uma dimensão frequentemente esquecida pela educação contemporânea: a esperança.

Em meio às perseguições, sofrimentos e incertezas, João anuncia:

“Eis que faço novas todas as coisas” (Ap 21,5).

E descreve uma realidade futura em que Deus:

“Enxugará dos seus olhos toda lágrima” (Ap 21,4).

A esperança não aparece como alienação, mas como força transformadora da realidade. Uma educação sem esperança transforma-se facilmente em treinamento técnico (FREIRE, 2009, p. 92). Uma educação inspirada pela esperança permanece comprometida com a transformação humana, social e cultural (MEDEIROS, 2025).

Essa compreensão aproxima-se da reflexão de Nóvoa ao afirmar que “temos que ser capazes de um gesto de esperança. Não se trata de um otimismo ingênuo, mas de uma esperança que se aprende e se cultiva em comum” (NÓVOA, 2023, p. 8). Tal perspectiva dialoga diretamente com a esperança escatológica presente no Apocalipse, não como fuga da realidade, mas como força mobilizadora de transformação humana e social.

Essa dimensão está profundamente conectada com a *Filosofia de Ensino Humanista e Humanitária* (MEDEIROS, 2025), cuja preocupação central consiste em promover a formação integral do ser humano, reconhecendo suas dimensões cognitivas, emocionais, afetivas, relacionais, éticas e espirituais.

A principal consequência pedagógica da leitura aqui proposta consiste em reconhecer que a diversidade humana não deve ser apenas tolerada, mas efetivamente acolhida como dimensão constitutiva dos processos educativos. Se os Evangelhos preservam diferentes formas de narrar uma mesma experiência fundante, a escola contemporânea é igualmente chamada a reconhecer que os estudantes aprendem, interpretam, comunicam-se e constroem sentido por caminhos distintos (MEDEIROS, 2022).

Essa compreensão desafia concepções educativas centradas na uniformização dos sujeitos e na redução da aprendizagem a padrões únicos de desempenho<sup>5</sup>. A contribuição da tradição joanina consiste precisamente em recordar que a formação humana não se realiza pela eliminação das diferenças, mas pelo reconhecimento de sua legitimidade e de sua riqueza antropológica. Como afirma Keirse:

“As pessoas são diferentes umas das outras. E não existe razão para querer mudá-las, pois as diferenças na verdade são boas, não más” (KEIRSEY, 1984, p. 2).

Sob essa perspectiva, a educação é chamada a deslocar seu foco exclusivo da instrução para a formação integral da pessoa. Isso implica reconhecer, ao lado das dimensões

---

<sup>5</sup>Reduzindo uma pessoa a uma destreza, mutilando seus diversos saberes e deixando-a apta a uma única habilidade ou aptidão (MARX, 2008, p. 129 e 146).

cognitivas, a importância das dimensões afetivas, relacionais, éticas, espirituais e existenciais da experiência humana (MEDEIROS, 2025).

A tradição joanina oferece importantes elementos para esse horizonte educativo. Sua valorização do amor (Jo 13,34), da amizade (Jo 15,15), da vida em abundância (Jo 10,10), da esperança (Ap 21,4-5) e da construção de significado para a existência (Jo 20,31) aponta para uma compreensão de educação comprometida com a humanização das relações e com o florescimento da pessoa humana em sua integralidade.

Nesse sentido, o diálogo entre João, Keirse, Freire, Rubem Alves, Lauand e a Filosofia de Ensino Humanista e Humanitária permite compreender que a finalidade última da educação não consiste em produzir indivíduos padronizados, mas sujeitos capazes de construir sentido para a própria existência, conviver com as diferenças, cultivar relações humanizadoras e participar da transformação da realidade (FREIRE, 2009, p. 57; 91-92; FREIRE, 2017, p. 95-96; ALVES, 2012, p. 65-66; ALVES, 2013, p. 33; LAUAND, 2011, p. 19).

Talvez essa seja a principal contribuição educacional que emerge da presente investigação: compreender que a pluralidade humana não constitui um obstáculo para a educação. Ao contrário, ela representa uma de suas condições mais fundamentais, pois é justamente no encontro entre diferentes formas de perceber, interpretar e experienciar o mundo que se torna possível uma educação verdadeiramente humanizadora.

### **Considerações finais**

O presente estudo buscou compreender o Evangelho de João como matriz pedagógica da pluralidade humana em diálogo com a Teoria dos Temperamentos de David Keirse. A análise do corpus joanino permitiu identificar convergências hermenêuticas entre sua linguagem simbólica, sua centralidade relacional, sua busca de significado, sua espiritualidade do amor e da esperança, e as características associadas ao temperamento

Idealista (NF) e ao perfil INFP (KEIRSEY, 1984, p. 60-65; p. 176-177; KEIRSEY, 1998, p. 129-148; p. 157-160; p. 195; p. 230).

Mais do que propor uma tipologia aplicada ao texto bíblico, a investigação procurou evidenciar que a tradição joanina preserva uma forma singular de perceber, interpretar e comunicar a experiência de Jesus. O prólogo do Verbo que se fez carne (Jo 1,1; Jo 1,14), o mandamento do amor (Jo 13,34), a amizade como superação da relação servil (Jo 15,15), a vida em abundância (Jo 10,10), a finalidade existencial do Evangelho (Jo 20,31) e a esperança escatológica da restauração (Ap 21,4-5) revelam uma narrativa profundamente orientada ao sentido, à comunhão e à humanização da existência.

Do ponto de vista educacional, essa leitura permite afirmar que a pluralidade humana não deve ser compreendida como obstáculo ao processo formativo, mas como condição fundamental de uma educação humanizadora. Nesse horizonte, a crítica de Keirsey à tentativa de transformar o outro em cópia de si mesmo (KEIRSEY, 1984, p. 1-2), a defesa freireana de uma educação como prática de liberdade e amor (FREIRE, 2009, p. 57; p. 91-92; FREIRE, 2017, p. 95-96), a sensibilidade pedagógica de Rubem Alves (ALVES, 2012, p. 65-66; ALVES, 2013, p. 33) e a compreensão humanizadora presente em Lauand (2011, p. 19) convergem para a defesa de uma formação integral da pessoa.

Este artigo constitui apenas o primeiro movimento de uma investigação mais ampla. As análises futuras de Mateus, Marcos e Lucas poderão aprofundar a hipótese de que os quatro Evangelhos, em sua diversidade narrativa, expressam diferentes modos humanos de perceber e interpretar uma mesma experiência fundante, ampliando o diálogo entre Educação, Psicologia e Religião (STAROSKY, 2020; LAUAND, 2019).

Talvez a principal contribuição desta pesquisa esteja na reafirmação de uma convicção simples e decisiva para a Educação: pessoas diferentes não precisam ser transformadas em iguais para aprender, conviver e construir sentido para a existência. Ao contrário, é precisamente na pluralidade das formas humanas de sentir, interpretar, narrar e viver que se abre a possibilidade de uma educação humanista e humanitária. Sob essa perspectiva, a escola deixa de ser um espaço de padronização dos sujeitos para tornar-se um

lugar de reconhecimento da pluralidade humana, condição indispensável para uma educação verdadeiramente humanizadora (MEDEIROS, 2022; MEDEIROS, 2025).

### Referências Bibliográficas

- ALVES, Rubem. *Por uma teologia da libertação*, São Paulo: Fonte Editorial, 2012
- ALVES, Rubem. *Lições do Velho Professor*, Campinas: Papyrus, 2013
- BÍBLIA, *Referência Thompson – João Ferreira de Almeida*, São Paulo: Ed. Vida, 2005
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2017
- FREIRE, Paulo. *La educación como práctica de la libertad*, Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2009
- JOSGRILBERG, Rui. *Hermenêutica de textos religiosos*. Revista Internacional d'Humanitats, Separata – Ano XX – 39/40, São Paulo/Barcelona: FEUSP & Univ. Barcelona, 2017
- JUNG, Carl. C. *Tipos Psicológicos*. Petrópolis: Vozes, 1991
- KEIRSEY, David. *Personology*, Del Mar/USA: Prometheus Nemesis, 2010
- KEIRSEY, David. *Please Understand Me II*, Del Mar/USA: Prometheus Nemesis, 1998
- KEIRSEY, David. *Please Understand Me*, Del Mar/USA: Prometheus Nemesis, 1984
- KEIRSEY FOUNDATION. *About David Keirsey*. Disponível em: <https://keirsey.com/about/david-keirsey/>. Acesso em: 22 jun. 2026
- LAUAND, Jean; CASTRO, Roberto C. G. (orgs.). *Filosofia e Educação: Universidade*, São Paulo: CEMOROC (EDF-FEUSP) / FACTASH, 2011

LAUAND, Jean (org.). *Sobre a tipologia de David Keirsey: Psicologia, religião e educação*, Santo André: Editora Kapenke - <<https://cemoroc.fe.usp.br/tipologia.pdf>> - 2019

LAUAND, Jean (org.). *Uma introdução à tipologia de David Keirsey*, São Paulo: Factash & CEMOROC – FEUSP - <<https://cemoroc.fe.usp.br/LivroKeirsey.pdf>> - 2018

LAUAND, Jean; STAROSKY, Enio; HORTA, Sylvio. *Análise keirseyaniana de clássicos cristãos e chineses*, Revista International Studies on Law and Education 28 jan-abr 2018 - CEMOrOc-Feusp / IJI-Univ. do Porto - <<http://www.hottopos.com/isle28/137-154EnioSylvioF.pdf>> - 2018

LAUAND, J.S. *Uma proposta de compreensão dos seres humanos: as teorias de David Keirsey*, São Paulo: CEMOROC/FEUSP, 2022

MARX, Karl. *O Capital*, Edição Condensada, Bauru: Edipro, 2008

MEDEIROS, Alexandre. *Tipos e Estereótipos: uma análise keirseyaniana da escola, seu cotidiano e seus problemas (a partir de filmes, séries, tv & Cia.)*, Revista Internacional d'Humanitats 56 set-dez 2022 CEMOrOc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona, 2022

MEDEIROS, Alexandre. *Filosofia de Ensino Humanista e Humanitária: Por uma pedagogia da felicidade humana*, Revista International Studies on Law and Education 49 jan-abr 2025 CEMOrOc-Feusp, 2025

NÓVOA, António. *Professores: libertar o futuro*, São Paulo: Diálogos, 2023

STAROSKY, Enio. *Temperamentos e religião, tipologia e compreensão de perfis religiosos: uma análise a partir de David Keirsey*, Santo André: Kapenke, 2020

Recebido para publicação em 23/05/26; aceito em 24/06/26